

# Rádio e memória: um estudo sobre a narrativa no rádio expandido através da reportagem especial “Muro de Berlim 20 anos”

*Rádio y memoria: un estudio sobre la narrativa del radio expandida através del reportaje especial “Muro de Berlim 20 anos”*

*Radio and memory: a study of the radio narrative expanded through the special report “Berlin wall 20 years”*

**\_Debora Cristina Lopez**  
**\_Luana Viana e Silva**



## SOBRE OS AUTORES >

Debora Cristina Lopez >

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (PósCom/UFBA)  
Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto

Email: [deboralopezfreire@gmail.com](mailto:deboralopezfreire@gmail.com)

Luana Viana e Silva >

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM/UFOP)  
Membro do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (PPGCOM/UFOP) e Mediações e Interações Radiofônicas (PPGCOM/UERJ)

Email: [lviana.s@hotmail.com](mailto:lviana.s@hotmail.com)

## RESUMO > RESUMEN > ABSTRACT >

O presente artigo visa refletir sobre uma estrutura de reportagem que integra reconstituições de memórias no rádio ampliado. O principal objetivo é discutir a memória na era digital através da reconstrução de lembranças. Partindo da hipótese de que no meio digital a memória ganha outro espaço para pertencer à estrutura da narrativa, este trabalho busca apontar alguns itens presentes na reportagem “Muro de Berlim 20 anos” da Rádio Renascença (Portugal). Como resultado, pudemos observar que no ambiente digital as memórias compõem-se de forma muito mais dinâmica e convidam os usuários a participarem da reconstrução mais ativamente.

**Palavras-chave:** Memória; rádio expandido; jornalismo, convergência.

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la estructura del informe que incluye reconstrucciones de memoria en la radio expandido. El principal objetivo es discutir la memoria en la era digital a través de la reconstrucción de los recuerdos. Suponiendo que la memoria en medios digitales gana otro espacio para pertenecer a la estructura narrativa, este trabajo trata de identificar algunos elementos presentes en el informe “Muro de Berlín 20 años” de la Radio Renascença (Portugal). Como resultado, se observó que en el entorno digital recuerdos están presentes de forma mucho más dinámica e invitan a los usuarios a participar de la reconstrucción de manera más activa.

**Palabras clave:** Memoria; radio ampliado; periodismo; convergencia.

This article aims to reflect on a story structure that includes reconstructions of memories in the extended radio. The main objective is to discuss the memory in the digital age through the reconstruction of memories. Assuming that the digital media memory wins another space to belong to the narrative structure, this paper seeks to identify some items present in the article “Berlin Wall 20 years” Radio Renascença (Portugal). As a result, we observed that in the digital environment memories attend much more dynamically and invite users to participate in the reconstruction more actively.

**Keywords:** Memory; extended radio; journalism; convergence.

# Introdução

A reconstituição de memórias ocupa o papel principal no jornalismo, pois o seu próprio fazer se estrutura através de recordações. Contar histórias nada mais é do que reconstituir memórias a partir de um determinado ponto de vista, seja a sua, a do outro ou a do grupo. Mas sempre é uma reconstituição. O relato de lembranças tem sido um importante fator na construção de reportagens jornalísticas, pois além de compor sua estrutura, resgata o passado, tornando-se peça fundamental na construção de histórias.

Essa apropriação das lembranças ganhou uma nova identidade com as plataformas digitais e, principalmente, com as produções não massivas, disponíveis sobretudo nas redes sociais. No meio digital, a utilização da memória ganha um novo lugar com a apropriação do espaço virtual para compor a estrutura narrativa do jornalismo que se difere daquela em que se utiliza a rememoração no fazer jornalístico nos meios de comunicação.

Partindo de um estudo de caso da reportagem especial “Berlim 20 anos”<sup>1</sup>, produzida pela Rádio Renascença, de Portugal, esse artigo busca discutir a apropriação da memória na era digital através da reconstituição individual e coletiva a partir da observação das estratégias de incorporação de fragmentos de memória na narrativa. Quando falamos em reconstituir a história, nos remetemos à Bosi (1994, p.53), que afirma que “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança.” É a partir dessas lembranças que analisaremos a construção da reportagem no rádio expandido<sup>2</sup>, aliando a memória à estrutura de caráter radiofônico.

Com esse objetivo, este trabalho parte da hipótese de que no meio digital a memória ganha um novo espaço para pertencer à estrutura da narrativa, de uma forma diferente da utilizada pelos meios de comunicação de produção massiva. Para desenvolver essa pesquisa, foi utilizada a análise de conteúdo (Herscovitz, 2007, p.127). Através dela é possível observar os elementos de memória, esclarecendo as características e significados do material produzido pela Renascença, que se utiliza da memória para compor o trabalho jornalístico nesse rádio expandido.

# MEMÓRIAS E JORNALISMO

Vivemos entre a importância de lembrar e a vontade de esquecer. São fatos e vivências que nos transformam em nossas experiências, somos aquilo que pensamos e pensamos baseados naquilo em que vivemos, em que vimos. O que consideramos singular é selecionado por nós, surgindo em nosso consciente ora de forma involuntária, ora mediante um exercício mecânico.

Bosi (1994) utiliza as análises de Bergson para distinguir dois tipos de memória: são elas a memória-hábito, que corresponde aos mecanismos motores, atividades que praticamos de forma automática, e a memória espontânea, relativa às lembranças independentes. O que nos importa neste artigo é a memória espontânea, que, segundo a autora, “traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida” (Bosi, 1994, p.49).

As lembranças independentes permitem uma reconstrução do passado, e, conseqüentemente, o resgate da história. Podemos afirmar que quando contadas, essas recordações estabelecem relações com quem as ouve – ou as lê – envolvendo-os na narrativa, ainda que esses ouvintes não tenham vivenciado o mesmo período e as mesmas experiências.

É importante destacar que quando nos lembramos do passado no presente, as fronteiras entre o tempo do acontecimento e do tempo presente vão se diluindo. As lembranças ganham novas perspectivas, pois segundo Bosi:

1 Disponível em: <http://rr.sapo.pt/muro-de-berlim/> Acessado: 23/05/2015

2 Partimos da perspectiva de Kischinhevsky (2012), que discute o rádio transbordado para outros espaços, preponderantemente das mídias digitais, e as implicações desta mudança. O conceito será discutido posteriormente.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado (...) A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (Bosi, 1994, p.55).

Halbwachs (2006) acredita que as memórias individuais são também constituídas por memórias de outros, memórias coletivas. As lembranças e concepções que temos são compostas por experiências próprias e por impressões de outros repertórios. “O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso” (Halbwachs, 2006, p.31). E, mais à frente em seu raciocínio, o autor esclarece como outras pessoas contribuem para a formação de nossas percepções:

Outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, eu me volto para elas, por um instante adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas das ideias e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas (Halbwachs, 2006, p.31).

A lembrança que temos de determinado fato nos conecta a um grupo de pessoas que possuem memórias semelhantes às nossas, pessoas que mesmo não estando presentes materialmente vivenciaram a mesma experiência, cada um a sua maneira. Essa vivência coletiva reflete na construção de similaridades que criam conexões entre pessoas que, ainda segundo Halbwachs (2006, p.35), se esvaziam e causam a ruptura com o grupo quando as memórias individuais são apagadas ou esquecidas.

Por outro lado, nem toda lembrança coletiva pode nos relembrar alguns aspectos vividos. Há experiências particulares, construídas individualmente, que não dependem de outras

# PESSOAS



Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que esses nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum (Halbwachs, 2006, p.39).

<sup>2</sup>O enviado especial, embora com tenha as mesmas funções do correspondente, “viaja por períodos curtos com a missão de cobrir um evento específico” (Silva, 2011, p. 15).

<sup>3</sup>Do verbo experimentar (experiência + ar), experimentar, experimentação, vivido.

Quando falamos em memórias individuais e coletivas, podemos afirmar que o jornalismo possui grande representatividade na dualidade entre memória e história, pois este se transformou em uma ferramenta para a reconstituição de fatos e lembranças. Segundo Palacios (2014, p.91), “o jornalismo é memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado”. E, mais a frente, completa: “com efeito, um olhar sobre o próprio processo do fazer jornalístico revela que, em inúmeras ocasiões, o recurso à memória na produção dos conteúdos jornalísticos é evidente” (Palacios, 2014, p. 92).

Dessa forma, podemos afirmar que o jornal como lugar de memória (Nora, 1993) se torna um documento, é responsável por imortalizar importantes acontecimentos e a ele é recorrido diversas vezes à procura de registros históricos. A memória sempre esteve presente no jornalismo, no simples contar histórias e nas reconstituições de fatos.

A exemplo do jornal, diversos meios de comunicação de massa são também lugares de memórias. Mesmo com espaços limitados, os depoimentos e as lembranças se fazem presentes na construção jornalística. Para Palacios (2014, p.92), “ainda mais evidente está o recurso à memória nas reportagens-sínteses, nas retrospectivas dos ‘fatos marcantes do ano que passou’, inevitáveis a cada final de dezembro, nas páginas dos jornais, nas telas das TVs, nos sites jornalísticos”. O rádio tem um papel central na reconstituição de lembranças. Quando nos referimos a esse meio de comunicação, falamos em contar histórias – e isso se constrói pelas memórias e pelos depoimentos com base nos protagonismos. Falaremos especificamente sobre ele mais à frente.

Quando se trata das plataformas digitais, o uso das memórias pode ocorrer de forma infinita, sem a preocupação do tempo do rádio e da TV ou do número de linhas dos impressos. Palacios (2014) reflete sobre essas características do espaço digital:

O usuário final pode também recorrer ao passado arquivado para, fácil e rapidamente, situar e contextualizar a atualidade que lhe é apresentada através do fluxo midiático. Em outras palavras, além do incremento do uso da memória como ferramenta narrativa pelos produtores de informação jornalística, um processo de empowerment está ocorrendo no que diz respeito à construção de contextos para as notícias por parte do próprio usuário através da memória arquivada e os conteúdos das bases de dados à sua disposição (Palacios, 2014, p.96).

Se as características dos meios afetavam o conteúdo e sua relação com a memória de maneira mais intensa, esta apropriação de espaços e ferramentas digitais traz agora ações similares – embora não iguais – no sentido de empoderar a audiência e construir os contextos informativos, potencializando uma característica até então radiofônica.

<sup>4</sup> Neste período produziu como freelancer para o próprio JB, especialmente para o Caderno de Turismo.

<sup>5</sup> Morre no Rio a jornalista Helena Salem. Folha de S. Paulo, Mortes, São Paulo, ano 79, n. 25.712, 26 ago.

# RÁDIO E MEMÓRIA

A memória sempre esteve presente no rádio através de especiais comemorativos de datas históricas ou depoimentos de pessoas sobre determinado assunto. Ao contar histórias baseadas em depoimentos e lembranças, o meio permite ao ouvinte retomar e vivenciar o passado no tempo presente.

Diante da cultura da convergência, novas estratégias surgiram para o meio se adaptar às modificações e conquistar seu espaço e seu público em plataformas digitais. O rádio transita das ondas hertzianas, passa pelas TVs a cabo e chega à web.

Com a ocupação pelo rádio do espaço digital houve algumas divergências sobre o que era ou não classificado como radiofônico. No rádio hipermidiático, Autor1 (2010, p.25) afirma que “uma característica é crucial: a espinha dorsal da narrativa é sonora e, portanto, seu perfil multiplataforma envolve uma narrativa que, embora importante, é complementar”. Entretanto, após algumas discussões, o rádio no ciberespaço ganha suas características e suas definições.

Encontramos algumas classificações de rádio na web, como as webrádios, que segundo Prata (2009, p.60) “são emissoras que podem ser acessadas através de um endereço na internet, não mais por uma frequência sintonizada no dial de um aparelho receptor de ondas hertzianas”, ou então o rádio hipermidiático de Autor1 (2010, p.9) no qual “sua construção narrativa apresenta-se como multimídia, mas sempre fundamentada em uma base sonora, por isso se configura como rádio. Esta comunicação sonora (...) é complementada pelo conteúdo multimídia de transmissão multiplataforma”.

Neste artigo, trabalharemos com a classificação de rádio expandido de Kischinhevsky (2012, p. 2). Segundo o autor, ele “transborda para mídias sociais e microblogs, que potencializam seu alcance e a circulação de seus conteúdos, muitas vezes substituindo a entrada no ar de ouvintes ao vivo por telefone e redesenhando as formas de apropriação pela audiência”.

O rádio expandido de Kischinhevsky não se ocupa apenas dos espaços das redes sociais, mas dos espaços digitais de maneira geral. Essa classificação de rádio, como sugerem Autor1 e Quadros (2013, p.4) “extrapola os limites do som das ondas sonoras para apropriar-se de outras linguagens e suportes”.

Como já dito, na narrativa radiofônica fora do meio digital, a memória apresentava uma participação restrita devido ao tempo do programa ou outros fatores limitantes. No ciberespaço, as fronteiras são ilimitadas e, portanto, a utilização da memória na narrativa é apresentada com atributos diferentes dos de antes.

---

**Rádio e memória: um estudo sobre a narrativa no rádio expandido através da reportagem especial “Muro de Berlim 20 anos”**

Quadros (2009) apresenta os novos fatores que caracterizam essa nova narrativa da memória que também se encaixam no rádio expandido:

A memória (...) pode ganhar novas dimensões no ambiente web, pois ela torna-se mais dinâmica e viva com a rede de interações existentes no ciberespaço. A memória, nesse sentido, não é simplesmente um reservatório para armazenar conteúdo. Ela também possibilita a criação de novas formas para contar uma história com associação de meios, pessoas e ideias. Em outros termos, a memória no ciberespaço permite que o cidadão recupere dados – efêmeros no rádio convencional – a qualquer momento para confrontar com informações atuais e, assim refletir e produzir conteúdos. No jornalismo, por exemplo, tal ação pode resultar em uma narrativa muito mais profunda e marcada por muitas vozes (Quadros, 2009, p.4).

Sobre essa “recuperação de dados”, as rádios que possuem presença na web podem disponibilizar podcasts, arquivos sonoros de caráter radiofônico, que são acessados em ambiente digital por ouvintes. Entre outras finalidades, podem ser acessados como resgate da programação ao vivo que foi perdida, podem ser complementos de reportagens ou serem acessados como fonte de pesquisas que, por sua vez, passam a constituir um banco de dados memorialístico. Pode-se afirmar, também, que esses podcasts permitem a recuperação de dados por parte do ouvinte de forma assíncrona, conforme característica do formato sonoro. Mas como afirma Quadros (2009), a contribuição principal da memória para a narrativa radiofônica em plataformas digitais é o dinamismo, são as interações, são as novas histórias – e as novas formas de conta-las – propiciadas por esta tecnologia.

# Muro de Berlim 20 anos

Através da análise de conteúdo são apresentadas algumas linguagens que compõem estratégias narrativas com cunho memorialístico presentes na reportagem especial “Muro de Berlim 20 anos” da rádio portuguesa Renascença. Assim, ao longo dessa reportagem multimídia, buscamos observar como a reconstituição da memória se faz presente, seja através de textos jornalísticos, áudios, vídeos, fotografias, ou depoimentos atuais que levam o entrevistado a lembrar algumas situações importantes para ilustrar essa matéria.

A reportagem da rádio portuguesa Renascença tem cunho memorialístico, sendo um especial comemorativo de data histórica que representa o aniversário da queda do Muro de Berlim. Contendo a presentificação dos fatos históricos, utiliza alguns elementos de memória que compõem sua estrutura narrativa e que possuem características da utilização da memória na Era digital.



Ao acessarmos a reportagem multimídia, visualizamos duas seções “Berlim ontem” e “Berlim hoje”. Na primeira delas nos deparamos com outras seis janelas: “A memória dos repórteres – da queda do muro à reunificação”; “Fugas históricas”; “A igreja e o muro”; “Na história – de 1945 à 1990”; “Do *Ost-Punk* à *Ostalgie*- a inspiração de Berlim”; e “Testemunhos”.

Nessa seção, as memórias são organizadas a partir dos sujeitos. Há, então, os depoimentos dos repórteres enviados pela Rádio, o ponto de vista – e suas lembranças – explicitado pela religiosidade, há a história em si e também as testemunhas. Esta vinculação aos atores, aos sujeitos da ação ressalta a importância da memória, da experiência para a construção narrativa e para a vinculação e aproximação do conteúdo com a audiência. Trataremos de forma individualizada cada item citado acima.

Em “A memória dos repórteres”, há um vídeo com imagens audiovisuais de arquivo, fotografias e depoimentos atuais de enviados especiais da Renascença. Nesses relatos, os repórteres relembram a experiência vivida durante a queda do muro, as primeiras eleições livres e a reunificação. Há um hiperlink intitulado “A memória visual dos nossos repórteres”, que contém fotografias tiradas pelos enviados. Os vídeos são da Comissão Europeia e as fotos de arquivos pessoais. Toda essa narrativa é construída baseada nas lembranças dos repórteres que estiveram envolvidos nesse fato histórico, reiterando o caráter do jornalista como testemunha da história e seu potencial de reconstrução dos acontecimentos através do acionamento de seus esquemas de memória e das lembranças de suas fontes.

Na janela “Fugas históricas”, os elementos de memória encontrados são seis áudios que contam histórias através de narrações realizadas por pessoas que não apresentam participação efetiva nas lembranças dos acontecimentos. São eles: “A primeira e a última vítima do muro”; “O último comboio para a liberdade”; “Noivos separados pelo muro”; “Peter Fechter: uma das mais famosas vítimas”; “Checkpoint Charlie e a espetacular fuga de carro”; e por fim “Os túneis de Harry



Seidel". Há a seguinte descrição abaixo dos áudios: "textos – O muro de Berlim 13 de agosto de 1961 à 9 de novembro de 1989, de Frederick Taylor" e um infográfico com o mapa de Berlim dividido pelo Muro. Ao clicar nesse infográfico, são disponibilizadas para o ouvinte-internauta informações técnicas sobre o muro, como comprimento e altura, número de torres de vigias, veículos, bunkers e cães de guarda, efetivos militares e civis.

Em "A igreja e o muro", observa-se a apresentação de pequenos textos que ajudam a identificar os acontecimentos históricos com os atuais relatos de memórias sobre o passado. O entrevistado é Manuel Braga da Cruz, reitor da Universidade Católica, que relembra o papel da igreja no incentivo da resistência durante a Guerra Fria. Mais uma vez, aqui os relatos de memória estão baseados em testemunhos, mas desta vez deslocados no tempo, acionados anos depois e, portanto, afetados pelas experiências dos sujeitos neste período. Trata-se de um ponto de vista distinto sobre as lembranças e seu papel em uma produção memorialística.

Na janela "Na história", há uma linha do tempo interativa dividida em quatro períodos históricos: "As marcas do pós-guerra"; "A construção do muro"; "Queda do muro"; e "O caminho para a reunificação". A linha mescla pequenos textos jornalísticos que retomam a história entre os anos de 1945 e 1990 com áudios de arquivo, fotos antigas e vídeos. São no total vinte e seis quadros, todos eles com textos jornalísticos (exceto aqueles que nomeiam o período), oito fotografias com imagens históricas, três vídeos e três arquivos de áudios disponibilizados no formato streaming. Os dois primeiros áudios são material de arquivo, tendo duração de 5'20", e 0'27", respectivamente. O áudio 01 (1946) apresenta um depoimento de Churchill sobre a cortina de ferro, enquanto o áudio 02 (1961) é de Walter Ulbricht, secretário geral do partido da unidade socialista. Já o áudio 03 (1961) é um depoimento atual que reconstitui memórias de uma testemunha sobre a construção do muro, resultando em 1'07" de depoimento. Os dois primeiros áudios – como são de arquivo – permitem a imersão dos ouvintes-internautas na história através de registros históricos, já o terceiro reconstrói o cenário tratado através de depoimento. Além disso, a estética dos áudios propicia uma relação distinta com o ouvinte, impregnada de ruídos naturais da época que permitem reconstruir emocionalmente as experiências da audiência com o acontecimento. Esta compreensão é potencializada pela apresentação coordenada com vídeos e imagens antigas, também impregnados de ruídos técnicos e editoriais que conduzem a leitura do conteúdo.

Os vídeos organizam-se da seguinte maneira: vídeo 01 (1963) - registro com imagens históricas, centrado na fala de Kennedy em Berlim sem depoimentos externos ao acontecimento; vídeo 02 (1987) - discurso Reagan em Berlim; e vídeo 03 (1989) - editado e com trilha instrumental dramática da derrubada do muro, inclui cidadãos e políticos e inclui também imagens da retirada de pedaços do muro por máquinas e das pessoas ajudando a derrubá-lo manualmente no dia seguinte. São todos curtos, nenhum com depoimentos, configurando-os como vídeos registro (Autor1, 2012). Como lembra a autora, este tipo de vídeo tem relação intensa com o contexto informacional em que

está inserido, reforçando a condução da leitura apontada acima, e transportar o ouvinte-internauta para o palco dos acontecimentos – seja ele deslocado temporalmente ou não – permitindo uma fruição diferenciada do conteúdo. Na maior parte, eles seguem sem edição, mas quando ela aparece é simples. O único com trilha é o terceiro, os demais têm som ambiente. Esse recurso audiovisual representa uma tentativa de coordenação entre as memórias individuais dos sujeitos protagonistas através da sua colocação no palco da ação e a memória mundial e alemã - essencialmente de Berlim - sobre a dureza, a dificuldade do processo como um todo.

Nestas produções, observa-se uma expansão do que seria a memória do acontecimento através dos documentos de arquivo como os áudios, imagens e vídeos. Neste caso, o áudio age com o papel de ilustrar os acontecimentos e aproximar o internauta da história que a reportagem tenta reconstituir. O mesmo ocorre com os vídeos, quando nos deparamos com imagens de arquivo e depoimentos. Observamos, também, uma manutenção da lógica de contar uma história, de rememorar, característica da composição de reportagens radiofônicas, mantida em sua essência na reportagem especial em rádio expandido.

“Do Ost-Punk à Ostalgie” apresenta um vídeo com uma narração que retoma os movimentos culturais que ocorreram em Berlim no período pós-guerra. O vídeo inicia com uma apresentação em áudio slide show, ilustrada por diversas imagens históricas, e segue com trechos de documentários, filmes, clipes de música e shows. Mais uma vez, aqui, os recursos audiovisuais aproximam os ouvintes-internautas aos acontecimentos da época, a dinâmica com que as imagens aparecem convidam esses usuários a mergulharem na história e a reviverem os fatos. A opção pela apresentação de movimentos culturais pode ser vista como uma estratégia de reforço do olhar sobre a normalidade possível no cotidiano dos sujeitos, representadas a partir de atores – estes mais conhecidos, partem de um movimento maior – que falam à audiência, também à que não viveu o período, devido à sua importância histórica.

Para finalizar a seção “Berlim ontem”, a última janela se chama “Testemunhas”, a qual se observam três arquivos de áudio de três pessoas que relembram suas sensações e emoções com a queda do muro. Ao lado das caixas de áudio, há uma breve descrição sobre os entrevistados, e abaixo, um pequeno texto jornalístico que retoma um pedaço da história do pós-guerra. A estratégia reforça o vínculo com o contar histórias do rádio quando se opta pelo áudio para a reconstrução das sensações e emoções do acontecimento, impregnado pelas vivências posteriores – não só anteriores – dos sujeitos e seus contextos, desenhando uma nova memória, comumente explorada no meio em antena.

A seção “Berlim hoje” possui cinco outras janelas: “Conta-me como foi – 9 de novembro de 1989”; “Conta-me como era – a vida na RDA”; “Conta-me o que não vi – nascidos sem muro”; “Conta-me a tua história – o dissidente que guardou o muro”; e “Gente feliz com nostalgia – reportagem áudio”. A primeira delas contém um vídeo com imagens de arquivo que rememoram o pós-guerra com o depoimento memorialístico de duas testemunhas que vivenciaram as mudanças ocasionadas

pela queda do muro em 1989. No vídeo, há as imagens de arquivo de pessoas passando da Berlim Oriental para a Ocidental enquanto comemoravam a queda. Há também imagens da destruição do muro.

Já em “Conta me como era”, quatro testemunhas compartilham suas lembranças de como era viver na Berlim Oriental, oficialmente denominada como República Democrática Alemã (RDA). Entre esses depoimentos estão as lembranças da mudança ocasionada pela divisão e o afastamento de amigos e familiares. Para ilustrar os depoimentos, passam algumas fotografias e vídeos de arquivo de quando o muro estava sendo construído e de quando este ainda dividia a cidade.

Na terceira janela, “Conta-me o que não vi”, os vídeos e fotos de arquivos são exibidos enquanto se ouve o depoimento de três pessoas que apesar de terem nascido antes da queda do muro não se lembram de como era viver em uma Berlim dividida. As recordações se limitam a uma história muito particular que não incluía acontecimentos exteriores às suas vidas. Nas imagens, percebemos uma linha cronológica dos acontecimentos, da existência do muro à reunificação passando pela sua destruição.

Em seguida, “Conta-me a tua história” apresenta um vídeo com o depoimento de um homem que trabalhou como soldado no muro, no qual ele se recorda sobre como vivia antes, durante e após o muro. Em suas lembranças, ele relata suas opiniões da época em relação à divisão alemã. Alguns vídeos de arquivos passam enquanto ouvimos as suas lembranças, neles percebemos a presença de soldados e tanques militares pelas ruas da cidade.

Por fim, em “Gente feliz com nostalgia” há uma reportagem toda elaborada em áudio que usa sonorização, com efeitos sonoros e som ambiente. O foco é em personagens e nas sensações que a queda do muro gerou e o relato é mais centrado no que os sujeitos sentiram, no que esperavam, no que viram. A reportagem usa um relato emocionado e alia os momentos de tensão ou emoção da fala com a sonorização do acontecimento. O foco da argumentação é mais a surpresa do acontecimento e como ela se reflete nas experiências dos personagens, enquanto a lógica de construção do eixo narrativo a partir das memórias e experiências dos sujeitos se segue na parte final da reportagem, quando fala da Alemanha atual, das relações entre as gerações, entre os sujeitos protagonistas da realidade de Berlim. Há uma variedade de personagens - de sujeitos dos dois lados do muro, vinculados ou não ao processo político e ao regime. A fonte não personagem que aparece é um trecho do depoimento de Reagan, muito curto, pedindo a derrubada do muro. A duração é de 14’04”. É possível afirmar que as reportagens anteriores “preparam” informacional e emocionalmente a audiência para o consumo da reportagem em áudio, mais complexa esteticamente. Embora não haja a exigência do consumo das produções anteriores, já que o ouvinte-internauta pode escolher o roteiro a seguir na leitura do especial, o foco anterior nas experiências individuais e o contexto estético – visual e sonoro – propiciado pelas produções anteriormente apresentadas desperta uma experiência de memória diferenciada, mais emocional e impregnada de imagens

acústicas referenciadas na reportagem em si. Pode-se ler esta estratégia em duas perspectivas: a) uma condução da leitura dos áudios; b) uma localização imagética para uma audiência que não experienciou o acontecimento em si.

Encontramos nesse especial a utilização de acervos audiovisuais, depoimentos e fotografias que tiveram papel substancial na reconstituição de memórias e reconstrução de uma história. Foi possível perceber como, nesse caso, o espaço oferecido pelo meio digital possibilita uma variedade de elementos de memória que envolvem os ouvintes-internautas dessa reportagem, mesmo que estes não tenham nenhuma relação com os acontecimentos.

Observamos, também, toda lógica estrutural característica do rádio expandido, onde encontramos no meio digital a possibilidade de complementar a linguagem sonora com outros recursos, como imagens, textos e vídeos. É interessante observar que a narrativa dos vídeos e áudios segue uma lógica radiofônica, de contar histórias e explorar sons ambientes e experiências e, em certa medida, oferecer protagonismo aos sujeitos e ao conteúdo sonoro.

# Considerações Finais

O rádio sempre foi um meio que se utilizou de memórias para a constituição de programas, de entrevistas a programas comemorativos. No rádio expandido, assim como em outros meios digitais, a memória continua sendo utilizada como estratégia narrativa, pois como foi visto, o próprio fazer jornalístico se caracteriza pela reconstituição de memórias. Não se restringindo a isso, também é possível encontrar outras utilizações desse elemento.

Uma diferença entre os meios de massa e a cultura digital é que dado o espaço infinito oferecido pelo ciberespaço, as lembranças não se restringem apenas às fronteiras previamente delimitadas, elas ganharam espaço e foram reformuladas para, assim, fazerem parte de estratégias que compõem toda uma reportagem – quando necessário – e reconstruir histórias. Utilizando como estudo de caso o especial “Muro de Berlim 20 anos” é possível perceber que nessa reportagem as memórias comparecem de forma muito mais dinâmica e convidam os usuários a participarem dessa reconstituição de uma forma mais ativa nessa reportagem. Não se trata necessariamente da participação pelo comentário, mas pela fruição e pelo acionamento da memória. É mais ativa e mais imersiva e permite a complexificação narrativa e a potencialização das características essenciais da comunicação radiofônica, ao fazê-la dialogar com as mídias digitais.

Dividido entre dois recortes temporais diferentes – “passado” e “presente” –, é possível perceber neste especial que há um diálogo entre a memória dos sujeitos – muito presentes em “Berlim hoje” – com a memória do processo, do país – mais evidente em “Berlim ontem”. Como estas duas linhas de compreensão da memória constroem uma teia argumentativa que fortalece o relato,

a reportagem permite que a história contada seja não somente melhor compreendida, mas esteja mais próxima de uma audiência que pode sequer ter vivido este momento histórico.

Através desta expansão dos espaços ocupados pelo rádio e da potencialização da memória, como visto em Palacios, é possível pensar um reposicionamento da audiência na linha temporal da narrativa. Assim, a coordenação da experiência do outro a partir da representação da sua memória com a memória social recompõe uma experiência não vivida pela audiência, redesenhando e redimensionando a relação com a memória. Esses aspectos aproximam os ouvintes-internautas do tema tratado, fazendo com que estes revivam – ou vivam – uma experiência conhecida por testemunhas que também compõem o cenário de reconstituição da memória nesse trabalho jornalístico.

E além disso, ao mesmo tempo que se insere na lógica deste rádio que ocupa novos espaços – o rádio expandido, como visto em Kischinhevsky –, explorando a memória e conseqüentemente minimizando a fugacidade característica do meio, essa reportagem deixa de lado algumas estratégias e espaços fundamentais hoje em dia, como as redes sociais. O site não só não explora comentários e contribuições da audiência, como só é compartilhável através da URL. Não há um ícone de compartilhamento ou de comentário. E essa ausência pode ser interessante. Pode-se, talvez, observar isso como uma estratégia para consumo imersivo do conteúdo, buscando “fechar” o ouvinte na produção e assim aumentar o potencial de reconstituição de memória.

Percebemos, então, como o rádio, assim como os outros meios de comunicação, se modificou para se adaptar às mudanças tecnológicas e o mesmo também ocorreu com as narrativas jornalísticas que contêm reconstituições de memórias individuais e coletivas. No ciberespaço, nesse caso, é possível observar que o passado e o presente se aproximam e a convergência midiática possibilita a reconstrução de histórias com textos, imagens e sons, ultrapassando os limites de apenas um meio de comunicação.

#### REFERÊNCIAS>>

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de Conteúdo em jornalismo. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Org.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Radiojornalismo comunitário em mídias sociais e microblogs: circulação de conteúdos publicados no portal RadioTube. Estudos em Jornalismo e Mídia. v. 9, n. 1, jan-jun.2012. p. 136-148.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, 1993.

PALACIOS, Marcos. Jornalismo, memória e história na era digital. In: Webjornalismo 7 características que marcam a diferença. Org. João Canavilhas. Covilhã: LabcomBooks, 2014.

PRATA, Nair. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009.

QUADRO, Cláudia. A memória do rádio na internet. In: Anais 7º Encontro Nacional de História da Mídia. Fortaleza, 2009.